***Precisamos imaginar pontes***

Autora: Mara Zoch Lisboa

Orientador: Gustavo Barcellos

...............................................................................................................................

**Resumo**: A imagem da Ponte possibilita incontáveis relações com outras imagens, entre elas riscos e abismos, vãos, quedas, ausência de chão e travessias. Imagens que fazem parte do caminho que percorremos e no qual nos deparamos com perdas, mudanças, fins de mundo, momentos em que é preciso partir da vida conhecida e estruturada. É preciso imaginar pontes que nos levem a abismos e aprofundamentos necessários para encontros com a alma.

**Palavras- chave**: Pontes, Fins de mundo, Partidas, Riscos, Abismos.

Enquanto vivíamos distraídos na bolha da vida cotidiana, um mundo acabou. Nenhuma edificação de concreto pereceu, continuam preservadas, imponentes relatos dos feitos humanos, e ainda assim um mundo acabou. Atônitos, perguntamos: Como isso aconteceu? Quem foi o culpado? De onde surgiu? Ignorando as perguntas aflitas, o arauto do fim de um mundo permanece silencioso, não mostra a face, não diz de onde veio, é invisível. Invisível.

Medo. Negação. É o fim. Não é nada. Independente das respostas escolhidas, o mundo como conhecíamos acabou em 2020, vítima diriam alguns, de um vírus que surgiu repentinamente; outros dirão que este mundo há muito estava se acabando. Não existe a alternativa de “voltar ao normal”, e talvez isso seja o que realmente importa, mas há um preço alto a ser pago como em todo fim de mundo.

Um mundo acabou e apressadamente outro mundo começa a ser construído, querendo em vão imitar o mundo que tínhamos. Em vão. Há um vão. O chão ruiu e os velhos alicerces não sustentam as novas possibilidades.

Precisamos imaginar pontes.

O primeiro passo, aquele que impõe o movimento, é o ponto de partida. Ali, bem ali, onde algo se parte.

Diariamente recebemos em nossos consultórios pessoas que se apresentam perdidas: *“Não sei o que aconteceu”, “me perdi”, “não sei para onde ir”, “é como se nada mais fizesse sentido”, “tudo está de cabeça pra baixo”, “não reconheço mais a minha vida”, “é como se tivesse feito tudo errado”, “estou paralisado”.* E a fala mais frequente: “*De repente tudo desabou”.*

Quando as bases desabam, perde-se a direção. Por um momento (em alguns casos, por longos anos) ficamos imobilizados e inutilmente insistimos naquilo que não tem mais sustentação, em vão os pés procuram o familiar, o rotineiro. Em vão. Há um vão. É preciso partir.

 A partida de um lugar que não serve mais se dá pela contramão, pela contravenção, uma mudança de rota no caminho que estava previamente traçado. Partir é romper com o que estava coeso, envolve perder o equilíbrio, perder o corpo. Despedaçar-se.

 Antes de partir é necessário partir-se aos pedaços, vivenciar a si como um pedaço, ter um coração partido, um membro amputado, uma estrutura perdida. Não ter mais onde caber ou não caber mais em si. Como se somente assim, quando quase nada restar daquilo que estruturava, fosse possível aceitar a ideia de lançar-se a um caminhar sem chão, suspenso no ar.

 Resta um vão que parece intransponível à primeira vista. Solto no espaço, um vão grandioso por sua ausência de chão, imobiliza-nos. Aos pés o abismo, à frente a escuridão, o desconhecido, o turvo, o Invisível.

As crianças falam com naturalidade sobre o medo do escuro e reconhecem o assustador como aquilo que é “imaginado” no escuro, onde as sombras ganham vida e a paisagem se transforma continuamente. Nas profundezas a imaginação é soberana, nada é claro, preto no branco, delimitado ou firme. Essas paisagens se apresentam quando a vida entra no “Modo Caos” e tudo fica possivelmente imaginado, potencialmente criativo e assustador.

Conforme pontua Barcellos, (2019, p.292) “*Nossos momentos caóticos, nossas “separações”, podem ser entendidos como momentos em que algo é engendrado, como momentos criativos.”*

*“A separação, a cissiparidade, também é um princípio gerador”* (BARCELLOS, 2019, p. 293). Essa é a criação proporcionada por Kháos, este caos criador que separa, que “parte”, que se descompromissa com a manutenção da solidez.

Alguns fins de mundo se apresentam como forma de escapar do que sufoca, são rupturas desejadas que abrem caminho em busca de ar. A coesão anterior tornou-se estéril, uma massa que esmaga. A tentativa de respirar dentro deste bloco sólido fica insuportável.

Então ansiamos por vãos.

Então precisamos imaginar pontes.

Pontes que, ousadas, se estendem sobre o vazio; aos pés, o abismo, à frente o outro ponto, a outra ponta, o solo estrangeiro para onde a ponte aponta e convida a abandonar a vida que tínhamos construído.

Mas a partida é como um destroçamento, dolorosa liberdade; largar a mochila abarrotada de pertences e seguir andando arejado, aerado, longe do chão. Órfão de terra firme.

A ponte que convoca à travessia se oferece como um corpo para ser atravessado. Não há garantias, somente esta corda bamba flertando com o abismo. O instante sem respirar, suspenso no ar. Assim ficamos tantas vezes na vida, entre a infância e a adolescência, entre a heroica juventude e a velhice, entre um amor e outro. Entre a vida e a morte. Um vão, um vazio, um abismo.

Na prática analítica estamos constantemente envolvidos na construção de pontes. Pontes que brotam da necessidade do movimento quando a vida convoca para o próximo passo em território desconhecido. Pontes originadas do risco que surge quando o chão se abre - este risco que, querendo ocupar outro lugar além do temor tão próprio da sua natureza incerta, se oferece como ponte. Assim, o risco de cair, o risco de morrer, o risco de se perder, de tudo perder, esse risco se transforma em ponte e convida-nos a atravessar nele. Atravessar no risco-ponte.

É a natureza aventuresca das travessias que nos faz andar neste risco fino, estirado, teso, uma potência que assusta. Igualmente assustador o abismo que se precipita e convida o olhar a dimensionar o tamanho da possível queda. Para Bachelard (2001) a perspectiva da queda é a fundadora do abismo. O medo da queda precipita o abismo, o medo de cair pare o abismo. Mas o medo da queda também constrói pontes.

No ciclo natural da vida as pontes têm seu espaço garantido, seu pedacinho de não-chão. Caminhamos nos despedindo de toda terra firme que encontramos. Ao corpo isso acontece naturalmente - enquanto existe, o corpo se modifica e se despede. O mundo acaba várias vezes durante uma existência.

Quando a criança percebe o corpo se estender e os pensamentos se ocuparem de questionamentos que não encontram respostas nas conhecidas brincadeiras e jogos, algo se parte. De repente, é impulsionada a firmar certezas que se desvanecem com a mesma rapidez com que surgiram. No corpo um desconforto insistente, pelos crescendo, surpresa, se depara com um formigamento que pede carícias. É preciso partir da infância. Desta vez, partir para o mundo grandão e ser herói... por enquanto. Mas ali tampouco será um lugar para ficar.

Logo mais, alguns (parecem breves) anos adiante outro mundo irá acabar - as rugas, o cansaço, dores no lugar do formigamento. Um corpo que novamente não se reconhece. Outro partir. Outro atravessar. Como viver isso sem morrer um pouco?

Nas travessias, inevitavelmente, algo morre, algo é abandonado. A ponte que convoca ao movimento convoca antes a uma descida, a um flerte com o abismo. É preciso aprofundar para atravessar, é preciso aceitar o abismo para aprofundar.

Hillman (2013, p. 40) diz*: “A mitologia reconheceu essas lacunas na continuidade do chão debaixo de nossos pés, essas covas e buracos, como entradas para o submundo.”* No trabalho com a alma não há como avançar sem encarar o abismo, sem jogar-se nos vãos, sem adentrar nas covas*. “A busca da alma conduz sempre às ‘profundezas’.”* (HILLMAN, 2011, p. 55). As terras da superfície têm seus limites, é nas terras escuras que alcançamos uma perspectiva da vastidão da psique, e aqui precisamos imaginar pontes.

As pontes, enigmáticas passarelas suspensas no ar, são atravessadoras de vãos no mundo das profundezas e no mundo das superfícies. Algumas dessas construções de concreto impressionam por sua beleza e por terem superado obstáculos que pareciam intransponíveis; consideradas verdadeiras obras de arte são conhecidas como Pontes do Diabo, pois desafiaram as habilidades dos arquitetos humanos. Diz a lenda que essas construções foram realizadas com a ajuda do “diabo” que exigia como pagamento por seus serviços a alma do primeiro que atravessasse a ponte. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2000).

Aquele que inicia uma travessia jamais será o mesmo que alcança a outra margem. O corpo que atravessa o risco faz novos traçados, outras silhuetas; um outro corpo nasce da experiência nas profundezas. Um outro corpo e uma outra consciência.

Não será Coré quem retornará do Hades para desfrutar doces momentos com a mãe. O que havia de virginal, intacto na donzela foi tocado e transformado nas profundezas. A menina encontrou no raptor outra face de si. Houve um encontro, houve contato, nada será como antes.

O rapto move a alma-Perséfone de ser filha de Deméter para ser a esposa de Hades, do ser natural generativo, que é dado a uma filha pela vida maternalizante, para o ser psíquico do casamento com o que é alienígeno, diferente, não está dado. (HILLMAN, 2013, p.85)

As profundezas transformam. Depois de adentrá-las não é mais possível olhar o mundo como uma donzela que vive somente na opulência do mundo materno (leia-se, material) que tudo supre. Quem retorna das profundezas é Perséfone, capaz de perceber o mundo em tons claros e escuros, e então se liberta da visão que limitava as tonalidades à claridade ofuscante da superfície. Ela se encontra com o Invisível em outro mundo igualmente rico; neste mundo sombrio, sem o chão materno, neste vão abismal ela se reconhece nas sombras. Imersa, Perséfone emerge.

Jarret (1988), citado por Barreto (2009) relembra que está dado nos ensinamentos de Jung, quando diz: *“na experiência junguiana o impulso que comanda a individuação frequentemente trabalha contra os interesses vitais do indivíduo, do Eu consciente, expondo-o mesmo a riscos e perigos consideráveis.”*

Os riscos que envolvem o movimento para baixo apresentam infinitos planos, mais do que outro caminho por onde andar, apresentam outros jeitos de caminhar.

Atravessar apesar do risco? Atravessar pelo risco? Atravessar no risco. Riscando. Equilibrando-se no fino risco que se lança e se estende sobre o vão, “sobre o que está sob” caminhamos, temendo e confiando. Confiando que o passo irá riscando o caminho. Temendo a altura que traz a perspectiva da queda, o medo da queda, de partir-se na queda. E o fascínio pela queda, por partir-se na queda, tomar a ponte como trampolim para lançar-se no abismo.

Em busca da alma, não raro um mundo acaba e é preciso, mais uma vez, partir. Então precisamos imaginar pontes e adentrar outros vãos e encarar novos abismos. Acalentar a bela ideia de imaginar que nas travessias ponte e abismo, por um momento, se miram e neste olhar se encontram. Tal Coré e Hades, o encontro de um na pupila do outro\*, o abismo se aventura a olhar para a superfície, a ponte a mergulhar nas profundezas. Espelhados, refletidos, atravessados. O vão entre um e outro permitindo a mirada.

Quem mira? Quem atravessa? Quem mira. Quem atravessa.

Cada olhar é uma ponte. E um risco. Cada encontro pode ser um abismo. O abismo que é o Outro, o desconhecido, o alienígena, este que nos instiga a partir, a imaginar pontes, a adentrar em vãos e a atravessar sobre o fino risco até outras margens.

\* Ver a belíssima descrição do rapto/encontro de Coré e Hades em: CALASSO, Roberto. As Núpcias de Cadmo e Harmonia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins fontes, 2001.

BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias arquetípicas**: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARRETO, Marco Heleno. **A dimensão ética da psicologia analítica**: individuação como "realização moral". Psicol. clin., Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p.91-105, 2009.Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103-56652009000100007&lng=pt&nrm=iso>.acessos em 23 jun. 2020.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000100007>.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 2000.

HILLMAN, James. **O sonho e o mundo das Trevas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Suicídio e Alma.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.